

## Violência contra as mulheres em pauta no jornalismo esportivo do site Dibradoras

Violence against women on the agenda in the sports journalism of the Dibradoras website

Violencia contra las mujeres en la agenda del periodismo deportivo en el sitio Dibradoras

**Érika Alfaro de Araújo** – Universidade Estadual Paulista | São Paulo | Brasil. E-mail: [eriikaalfaro@gmail.com](mailto:eriikaalfaro@gmail.com) | Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6283-9328>

**Carolina Bortoleto Firmino** – Universidade Estadual Paulista | São Paulo | Brasil. E-mail: [carolina.bfirmino@gmail.com](mailto:carolina.bfirmino@gmail.com) | Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3677-0448>

**Resumo:** Partindo da premissa que o esporte se caracteriza como um espaço de manifestações e representações sociopolíticas, neste trabalho, buscamos entender de que forma o jornalismo esportivo pode discutir pautas sociais, como a violência contra as mulheres. Para estudar esse fenômeno, selecionamos matérias publicadas no ano de 2020 pelo site Dibradoras. Além de resgatar brevemente a perspectiva sociológica de Dunning sobre o esporte, e o jornalismo de engajamento, bem como outros conceitos, estabelecemos que o Dibradoras desempenha uma cobertura posicionada e engajada, com textos que superam uma mera abordagem analítica, em defesa dos direitos da mulher na sociedade e do protagonismo feminino no esporte, reforçando o lugar do jornalismo esportivo enquanto campo de reivindicação social.

**Palavras-chave:** jornalismo esportivo; violência contra as mulheres; Dibradoras.

**Abstract:** Based on the idea that sport is characterized as a space for sociopolitical manifestations and representations, this work seeks to understand how sports journalism can discuss social issues, such as violence against women. To study this phenomenon, articles published in 2020 by the Dibradoras website were selected. In addition to briefly rescuing Dunning's sociological perspective on sport and journalism of attachment, as well as other concepts, we established that Dibradoras performs a positioned and engaged coverage, with texts that go beyond an analytical approach, in defense of women's rights in society and female protagonism in sport, reinforcing the place of sports journalism as a field of social demand.

**Keywords:** sports journalism; violence against women; Dibradoras.

**Resumen:** Partiendo de la idea de que el deporte se caracteriza como un espacio de manifestaciones y representaciones sociopolíticas, en este trabajo buscamos comprender cómo el periodismo deportivo puede discutir pautas sociales, como la violencia contra la mujer. Para estudiar este fenómeno, seleccionamos los artículos publicados en 2020 por el sitio Dibradoras. Además de rescatar brevemente la perspectiva sociológica del deporte de Dunning, y el periodismo de compromiso, entre otros conceptos, establecimos que Dibradoras realiza una cobertura posicionada y comprometida, con textos que van más allá de un enfoque analítico, en defensa de los derechos de las mujeres en la sociedad y el protagonismo femenino en el deporte, reforzando el lugar del periodismo deportivo como campo de reivindicación social.

**Palabras claves:** periodismo deportivo; violencia contra las mujeres; Dibradoras.

Recebido em dia: 01/03/2023 | Aprovado em: 31/05/2023 | Revisado em: 21/07/2023

DOI: <https://doi.org/10.22484/2177-5788.2023v49id5195>

Copyright © 2023. Conteúdo de acesso aberto, distribuído sob os termos da Licença Internacional –

 [Creative Commons – CC BY 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

## 1 Introdução

A perspectiva sociológica apontada por Dunning (2013) estabelece que os esportes são estruturas, padrões ou configurações que grupos de seres humanos interdependentes formam entre si e, dessa maneira, são organizados e controlados, bem como observados e praticados, enquanto configurações sociais. Partindo dessa premissa, compreendemos que o esporte se caracteriza enquanto um espaço de manifestações e representações sociopolíticas e, por esta razão, não deve ser excluído de debates e pautas que integram a agenda da sociedade.

No mesmo sentido, o jornalismo esportivo deve atuar em tais contextos, abordando temas relevantes no mundo contemporâneo e questionando estruturas de poder vigentes. Vale destacar também que a cobertura espetacularizada de modalidades esportivas, especialmente no futebol, costuma se direcionar para aspectos relacionados ao entretenimento orientado aos resultados e à competitividade, em detrimento da relação do campo esportivo com demandas históricas, políticas e sociais.

Feitas essas breves reflexões, propomos um olhar para o trabalho desempenhado pelo site Dibradoras<sup>1</sup>. Além de desenvolver conteúdos com foco no protagonismo feminino no esporte, o projeto atua na exposição de debates sobre temáticas que adentram o campo histórico, político e social, em uma proposta de cobertura multilateral apoiada no feminismo.

Assim, com o propósito de discutir e entender de que forma o jornalismo esportivo pode trabalhar assuntos de relevância social, voltamo-nos às publicações do Dibradoras que abordam pautas sobre violência de gênero, temática importante no que se refere às discussões sobre o lugar da mulher na sociedade. Por isso, neste artigo, selecionamos todas as matérias sobre o assunto publicadas em 2020 (ano que ficou marcado pelo início da pandemia de Covid-19), a fim de analisar a abordagem predominante a respeito de casos envolvendo atores esportivos. Conforme Toledo (2020), durante a pandemia do novo coronavírus, os casos de violência contra a mulher e de feminicídio cresceram e se tornaram preocupações para as autoridades de saúde e segurança no Brasil. De acordo com os dados publicados na Revista Radis, da Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca (Ensp/Fiocruz), cinco casos de violência contra mulher foram registrados por dia em 2020, conforme indicou a pesquisa em cinco estados (Bahia, Ceará, Pernambuco, Rio de Janeiro e São Paulo). A partir desse recorte, propomos algumas interpretações e

---

<sup>1</sup> No ano de 2020, o projeto Dibradoras era um blog alocado no UOL, mas, a partir de junho de 2021, tornou-se um site independente.

apresentamos apontamentos sobre o jornalismo esportivo enquanto espaço de engajamento e reivindicação social.

## 2 Jornalismo esportivo como espaço de reivindicação social

O mundo é outro desde que o esporte começou a aparecer nos folhetins, jornais e revistas no Brasil. Segundo Bahia (1990), a primeira publicação que trouxe relatos da prática esportiva recebeu o nome de *O Atleta* em 1856; seguida por *Sport* e *Sportman* em 1886; *A Platea Esportiva* em 1891; *O Sport* e a *Gazeta Esportiva* em 1898, todos abordando modalidades como críquete, turfe e remo. No entanto, Coelho (2003) entende que essa chegada foi apenas em 1910, com o jornal *Fanfulla*, que dava destaque aos times de futebol amador italiano. Além disso, assegura que apenas em 1947, com a *Gazeta Esportiva* – que funcionava como suplemento do jornal *A Gazeta* em 1906 –, é que o país ganhou um noticiário esportivo. Entre as revistas, a que se destaca é a *Placar*, que fazia parte da Editora Abril e se tornou referência no segmento a partir dos anos 1970. Enquanto o rádio teve o papel de popularizar as coberturas dos jogos de futebol no início dos anos 1930, a televisão ofereceu esse espaço desde o começo das transmissões na TV Tupi em 1950.

O esporte demorou até garantir o *status* de conteúdo nobre que tem hoje. “Como poderia uma vitória nas raias – ou nos campos, nos ginásios, nas quadras – valer mais do que uma decisão sobre a vida política do país?”, questiona Coelho (2003, p. 8). Mas isso aconteceu: quando se fala da espetacularização do esporte, define-se uma relação que ultrapassa a cobertura de grandes eventos esportivos. É uma nova dinâmica que consiste em transformar um jogo em espetáculo, com heróis e vilões, imagens eternizadas e um produto a ser consumido. Nesta lógica comercial que envolve imprensa, atletas, patrocinadores e torcedores, algumas modalidades se destacam mais que outras – no Brasil, o futebol masculino recebe esse *status* de esporte espetáculo, já nos Estados Unidos, basquete e futebol americano. Nas palavras de Kellner (2001, p. 121):

Há tempos o esporte é uma das áreas que fazem parte do espetáculo com eventos como as Olimpíadas, o *Super Bowl*, a Copa do Mundo e os campeonatos da NBA, atraindo grande público e ao mesmo tempo gerando verbas publicitárias altíssimas. Esses rituais culturais celebram os mais profundos valores da sociedade (por exemplo, a competição, a vitória, o sucesso e o dinheiro), e as empresas estão dispostas a investir grandes verbas para terem seus produtos associados a esses eventos. Na verdade, parece que a lógica do espetáculo da mercadoria está inexoravelmente penetrando nos esportes profissionais, que não podem mais se realizar sem o acompanhamento dos líderes de torcidas, mascotes gigantes que brincam com os jogadores e com o público, sorteios, promoções e competições que exibem os produtos de vários patrocinadores.

Seria simples definir o lugar que o esporte e o jornalismo esportivo ocupam se eles acontecessem isoladamente. Porém, ambos acompanharam e ainda acompanham as transformações sociais e se situam em uma conjuntura de disputas de poder – que passam por recortes de gênero, raça, classe e sexualidade. Segundo Barbeiro e Rangel (2006), jornalismo é jornalismo, seja ele esportivo, político, econômico ou social, com sua essência ligada à ética e ao interesse público, ainda que muitas vezes seja confundido somente com entretenimento. Diante disso, fazemos a seguinte pergunta: se o jornalismo esportivo também deve pautar-se na relevância social e nos interesses coletivos, por que não o assegurar como local de lutas e reivindicações?

Neste caso, é importante que haja a separação entre o que é usar o esporte como instrumento político em benefício de partidos, campanhas, governantes ou cartolas, e a sua compreensão de espaço que permite posicionamento, debate, ressignificação de poderes e denúncia. No entanto, parece existir no Brasil uma dificuldade em naturalizar tais demandas no jornalismo esportivo. Muito se deve à escassez de educação política entre os atletas – o que interfere na maneira como eles se envolvem em questões sociais – e do próprio fazer jornalístico do esporte no país, que se aproximou ainda mais do entretenimento e se submeteu à chamada “leifertização do esporte” (referência ao modelo Globo de jornalismo sustentado com o apresentador Tiago Leifert, em 2009), seja na grade esportiva da televisão, nos cadernos especializados nos jornais, no rádio ou na internet. Kfour (2017) fala sobre a necessidade de um respiro para quem consome esse conteúdo, mas destaca a superficialidade preponderante, já que dá menos trabalho, nenhuma dor de cabeça e zero de pressões e ações judiciais. Nas palavras de Kfour (2017), p. 34):

O coitado do consumidor de notícias já não suportaria tanta sujeira na política, tantos crimes, e precisaria de um oásis. Daí a “leifertização” da programação esportiva na TV, onde a gracinha sobra e o jornalismo soçobra. Não entenda no neologismo uma ofensa ao comunicador Tiago Leifert, que assumiu o programa Globo Esporte em 2009, mas apenas como rótulo de uma tendência que vinha lá de trás e virou epidemia.

Debord (1997) não cita o esporte e suas representações, mas, ao criticar o capitalismo e os modelos de produção resultantes da valorização do capital, demonstra que os efeitos da espetacularização movida pelo consumo atingem todas as esferas da vida humana. Ainda, nas palavras de Debord (1997, p. 24):

A alienação do espectador em favor do objeto contemplado (o que resulta da sua própria atividade inconsciente) se expressa assim: quanto mais ele contempla, menos vive; quanto aceita reconhecer-se nas imagens dominantes da necessidade, menos compreende sua própria existência e seu próprio desejo.

Dessa forma, quando falamos em “leifertilização”, termo utilizado por Kfourri (2017), apontamos para a consequência desse mesmo efeito, que abandona sua raiz social e histórica ao se transformar em um produto – o rótulo de uma tendência, como o autor diz, que se integra ao fluxo do espetáculo.

Por outro lado, entendemos que o jornalismo esportivo – assim como qualquer outra cobertura especializada – pode se modificar conforme as condições de espaço e tempo. Sendo assim, é passível de transformações, principalmente para acompanhar as demandas de uma sociedade que também se modifica. Nos últimos anos, por exemplo, acompanhamos mudanças significativas<sup>2</sup> na relação de mulheres com o esporte, o que motivou a abertura para discutir as questões de gênero no campo. Essa transição se dá no mesmo ritmo que crescem os movimentos sociais que buscam equidade, oportunidade, representatividade e respeito. Algo que acontece ainda em consonância com reposicionamento de clubes, times e atletas no mundo todo, como foi o caso do movimento *Black Lives Matter*, incorporado inicialmente pelas equipes da NBA e reproduzido globalmente.

Nesse contexto, a internet funciona como plataforma e instrumento que possibilita a realização de novos formatos de coberturas que incluem essa agenda e sua conexão com o esporte, sendo os *blogs*, páginas em redes sociais e sites independentes seus principais representantes. No Brasil, grandes portais de notícias esportivas seguem progressivamente buscando abordagens mais inclusivas, mas o Dibradoras, que surgiu em 2015 e é o objeto de estudo deste artigo, já nasceu com essa proposta. Nesse mesmo ano, páginas como AzMina, Não Me Kahlo, Lado M, Empodere Duas Mulheres, Think Olga, Blogueiras Feministas, Frida Diria e Capitolina tornaram-se referência para quem buscava novas perspectivas de interpretação para fatos pouco explorados pela mídia – ou ainda abordados a partir de estereótipos já há tempos reproduzidos, jogando luz, também, sobre o trabalho do Dibradoras, que ganharia mais espaço com a cobertura das Olimpíadas do Rio, em 2016.

Segundo Corrêa (2018, p. 364 *apud* FIRMINO, 2021, p. 80), ex-editor de Esportes do UOL, que reúne parte expressiva do conteúdo esportivo produzido no Brasil, a linha editorial do segmento, até 2015, era machista. Ele explica que a “virada de chave” para a mudança aconteceu justamente em 2016, com a série de videoreportagens “Quero Treinar em Paz”, que contou com a parceria pontual do Dibradoras, posteriormente integrado ao catálogo de blogs do portal.

---

<sup>2</sup> A primeira transmissão de uma Copa do Mundo de mulheres pela Rede Globo, em televisão aberta, em 2019, a primeira mulher a narrar um torneio mundial pela mesma emissora, em 2022, com Renata Silveira, são alguns exemplos.

O jornalista pondera que, apesar de, pontualmente, ter havido desbravadoras do jornalismo esportivo no rádio, na televisão,

com a frequência e a profundidade que elas [Desbravadoras] fazem, são as pioneiras [...] Acho que o 'pulo do gato' foi falar com propriedade, não é só mulher escrevendo para mulher, sabe? É mulher escrevendo para todo mundo e mostrando que ali também é o lugar delas, que elas podem ocupar esse espaço que sempre foi majoritariamente masculino (CORRÊA, 2018, p. 369 *apud* FIRMINO, 2021, p. 72).

Até então, também não havia na cobertura esportiva dos grandes portais do país conteúdos que dialogassem com pautas feministas e se posicionassem dessa maneira. Corrêa afirma que o reposicionamento do conteúdo esportivo do UOL também fez parte de um processo de desconstrução coletivo.

### 3 Violência contra as mulheres

Embora o feminismo enquanto movimento político possua diferentes fases que acompanham épocas distintas, demandas sociais, políticas e materiais variadas, a violência doméstica, de gênero e o feminicídio são pautas atemporais e em comum em lutas por todo o mundo. Carneiro (2003), ao tratar do movimento de mulheres no Brasil, analisa que a luta contra a violência doméstica e sexual estabeleceu uma mudança de paradigma em relação às questões de público e privado. De acordo com a autora, a violência doméstica, considerada um elemento da dimensão da vida privada, alcança a esfera pública e se torna objeto de políticas específicas, o que pode ser considerado um avanço do ponto de vista da busca pelos direitos das mulheres.

Dessa forma, o tema, de grande importância para o movimento feminista, também aparece como uma pauta recorrente do jornalismo por conta de sua relevância social. Dados do mapa da violência contra a mulher (BRASIL, 2018) evidenciam que, entre os meses de janeiro e novembro de 2018, a imprensa brasileira noticiou 14.796 casos de violência doméstica em todas as unidades federativas. Entre março e abril de 2020, meses em que foi iniciado o isolamento social no país em decorrência da pandemia do novo coronavírus, houve o crescimento de 22,2% de violência letal contra a mulher, ou seja, de casos de feminicídio, de acordo com dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP). Quanto aos casos de violência sexual, o Anuário Brasileiro de Segurança Pública (2022), mostrou que o ano de 2021 marcou a retomada do crescimento dos registros de estupros e estupros de vulnerável contra meninas e mulheres no Brasil. No total, foram registrados 56.098 boletins de ocorrência de estupros apenas do gênero feminino – o que representa uma vítima a cada 10 minutos, considerando apenas os casos que chegaram até as autoridades na área da segurança.



As pautas sobre violência doméstica, sexual, de gênero e feminicídio, normalmente, fazem parte do noticiário policial, dada a natureza criminosa dos fatos. No entanto, os acontecimentos trazem à tona o universo do esporte quando os atores envolvidos são atletas de destaque, especialmente no contexto do futebol, passando a fazer parte das coberturas e dos debates do jornalismo esportivo.

Partindo da premissa de que o esporte é uma manifestação cultural e social e de que o jornalismo esportivo deve se configurar enquanto espaço de reflexão e contestação, a presença desse fenômeno social e historicamente presente nas lutas feministas (as pautas sobre violência) na agenda esportiva pode adquirir um caráter político ao ser debatido no ambiente online – não apenas nesse espaço, tendo em vista as batalhas históricas que antecedem as ferramentas digitais, mas se trata de um ambiente em potencial. Com isso, pode-se dizer que, quando um produto jornalístico online, com foco no esporte, torna-se uma fonte alternativa de informação em assuntos como a violência contra a mulher, temos indicativos de que transformações podem acontecer no campo do jornalismo.

Durante muito tempo, a atividade jornalística noticiosa esteve associada a valores de isenção, imparcialidade, equilíbrio e à ausência de posicionamento, além de objetividade, que Melo (1985) considera como um desafio à profissão de comunicador. A maior participação do jornalista pode fazer com que o público assimile uma opinião como verdade absoluta, o que exigiria uma separação do jornalismo em dois núcleos de interesse: “a informação (saber o que passa) e a opinião (saber o que pensa sobre o que passa)” (MELO, 1985, p. 47).

Nos anos 1990, porém, revelou-se um formato de cobertura internacional que questiona tal divisão: o jornalismo de engajamento (no inglês, *journalism of attachment*), termo cunhado pelo ex-correspondente da *British Broadcasting Corporation* (BBC), (BELL, 1998, p. 18 *apud* CAMPOS, 2018 p. 88). Responsável por cobrir diversas zonas de conflito, ele defendia que o jornalista não podia atuar como um mero espectador, era necessário tomar partido e resgatar a humanidade, principalmente nas coberturas de guerra.

O jornalismo de engajamento se aproxima de um jornalismo independente quando defende que se vá além da apresentação de diferentes lados, mas mostra o lado forte e o lado fraco de uma história. Quase três décadas após as reflexões de Bell (1998) sobre o jornalismo de engajamento, novas práticas do que seria um jornalismo pós-industrial, termo cunhado por Anderson, Bell e Shirky (2013) avançam nesse contexto no qual existe mais liberdade para se comunicar e produzir informações, sem que elas sejam ditadas pela grande imprensa ou se encaixem, necessariamente, em um texto opinativo.

A defesa das pautas sociais, como o posicionamento quanto à violência contra a mulher, portanto, se insere nesse contexto.

#### 4 Objeto

O Dibradoras se identifica como um canal de mídia e uma produtora de conteúdo que apresenta e representa o protagonismo feminino no esporte. No início, o projeto envolvia cinco mulheres – entre jornalistas, designer e publicitária – até chegar à formação atual, que tem Angélica Souza, Renata Mendonça e Roberta (Nina) Cardoso, além de algumas colaboradoras. Atualmente, o Dibradoras não segue mais vinculado à blogosfera do UOL Esporte e conta com site próprio – essa mudança aconteceu em junho de 2021. Além disso, está no Instagram (com 118 mil seguidores), no Twitter (com 59 mil seguidores), no Facebook (com 32 mil seguidores) e canal no Youtube (7 mil inscritos). Na versão de 2018, o blog trazia a seguinte apresentação:

Futebol não é coisa de mulher. Rugby? Vocês não têm força para jogar... Lugar de mulher é na cozinha, não no campo, na quadra, na arquibancada. Já ouviu isso muitas vezes, né?! Mas o ~Dibradoras surgiu para provar justamente o contrário. Mulher pode gostar, entender e praticar o esporte que quiser. E quem achar que não, a gente ~dibra (DIBRADORAS, 2018).

Esse é o posicionamento editorial que o Dibradoras segue desde 2015, ano que em que cobriu a Copa do Mundo de Futebol Feminino pela primeira vez. O evento aconteceu no Canadá e tudo foi feito remotamente, já que o projeto ainda dava seus passos iniciais. No entanto, a equipe formada apenas por mulheres – duas jornalistas e uma publicitária – se consolidou na produção de conteúdo focada no cenário esportivo feminino e, desde então, vem galgando espaços. Hoje, também está presente no jornal Folha de São Paulo, com uma coluna semanal, e no canal SporTV, nos dois casos sob a figura de Renata. Em campanha vigente no site Catarse (2020) para reunir recursos financeiros que possibilitem a manutenção e ampliação do jornalismo desempenhado pelo Dibradoras, encontramos o seguinte trecho:

Enquanto a mídia tradicional esportiva faz 97% da sua cobertura focando em esportes masculinos – e dedica só 3% aos esportes femininos –, nós fazemos 100% da nossa cobertura focada no protagonismo das mulheres no esporte. Porque a gente precisa começar a contar a história delas para que meninas possam se inspirar e aprender desde cedo que os campos, as quadras, os tatames, as piscinas, as bancadas esportivas, e resumindo, o esporte também é lugar delas (CATARSE, 2020).



De acordo com Renata Mendonça em entrevista, o site se posiciona para defender algumas pautas:

A gente defende a disseminação da prática esportiva pras (sic) mulheres, que as mulheres se conscientizem de que a prática é importante e de que, em algum momento, elas ficaram excluídas disso e de que devem procurar voltar [...]. O outro objetivo é dar voz às mulheres no esporte. Então, às atletas, para que elas tenham a visibilidade que elas precisam para serem conhecidas, para essa história ser valorizada. E valorizar a presença das mulheres em todas as áreas do esporte, chamar a atenção pra (sic) isso. Porque eu acho que o primeiro problema do machismo no esporte é que a gente não presta atenção nele, ele passa batido (MENDONÇA, 2018, p. 352 *apud* FIRMINO, 2021, p. 217).

Nesse sentido, é possível destacar que o jornalismo praticado pelo site é engajado e declaradamente posicionado. A cobertura 100% focada no protagonismo feminino na prática esportiva também divide espaço com publicações que se propõem a discutir outras demandas desse cenário que envolvem mulheres, mas não necessariamente a prática esportiva. Entre elas, está a violência contra a mulher, tema dos textos analisados neste artigo.

#### 4.1 Objetivos e metodologia

Diante do cenário construído, os conteúdos veiculados pelo Dibradoras se aproximam do propósito deste artigo, que é entender de que forma o jornalismo esportivo pode discutir temas de relevância social, como a violência contra a mulher. Para estudar esse fenômeno, selecionamos as matérias publicadas pelo então blog em 2020 que demonstram o posicionamento editorial do veículo diante de casos de violência de gênero envolvendo atores esportivos. O levantamento dos materiais foi realizado a partir de uma pesquisa no próprio site pelo termo “violência contra a mulher”, utilizando o mecanismo de busca, bem como por meio de um esforço manual para identificar possíveis resultados que pudessem escapar à procura por palavras-chave. Dessa maneira, apenas as publicações do ano de 2020 foram consideradas.

No total, foram três matérias encontradas, e todas estão incluídas na análise. Os títulos são os seguintes: “A violência contra a mulher precisa entrar na pauta do futebol”, “Não foi a imprensa que agrediu sua esposa, Jean” e “Jéssica Senra toca em feridas necessárias: 'Que valores o futebol tolera?'”. Os materiais repercutem, analisam e propõem questões sobre casos em que indivíduos inseridos no universo do futebol, como os jogadores Dudu, Jean e Bruno, se tornaram protagonistas de acontecimentos envolvendo agressões contra mulheres e feminicídio.

Adotaremos como metodologia de pesquisa a Análise de conteúdo de Bardin (2011), informada pelos estudos de gênero, para realizar uma análise qualitativa das matérias, a qual envolve uma leitura exploratória e uma posterior descrição de cada um dos materiais, buscando entender: de que forma os temas foram abordados, quais as características do texto jornalístico publicado, quais tipos de reflexões foram propostas e qual o posicionamento do blog mediante cada caso, e de que forma esse posicionamento se manifesta na matéria. A análise estará situada na discussão teórica sobre o esporte e o jornalismo esportivo como espaços de reivindicações sociais, com o objetivo de avaliar a atuação do Dibradoras na internet.

Incentivar o debate por meio da informação, se posicionar e abordar o problema da violência contra a mulher em suas publicações e redes sociais faz do projeto um canal de interlocução com a sociedade? Representa um caminho para a mudança do jornalismo esportivo ao abordar temas de relevância política, cultural e social? Essas são duas das perguntas que pretendemos responder.

#### 4.2 Análise qualitativa das matérias

Nesta etapa do artigo, analisaremos qualitativamente cada uma das três matérias veiculadas pelo Dibradoras no ano de 2020, cujos temas centrais são a violência contra a mulher e o feminicídio. Todos os conteúdos têm em comum o envolvimento de jogadores de futebol brasileiros, fato que suscita as discussões e reflexões sobre a relação do universo esportivo com a agenda da sociedade.

##### **Matéria 1:** Jéssica Senra toca em feridas necessárias: 'Que valores o futebol tolera?'

A reportagem publicada no dia 7 de janeiro no Dibradoras (2020a), a explora novos desdobramentos do caso ocorrido em 2010, no qual a atriz e modelo Eliza Samudio foi assassinada a mando de Bruno Fernandes, na época goleiro do Flamengo. A vítima era mãe do filho do atleta, e cobrava dele pensão e reconhecimento da paternidade. O crime teve grande repercussão e cobertura midiática e, após um longo processo de investigação que levou à Justiça diversos envolvidos, Bruno foi condenado, em 2013, em um júri popular, a uma pena total de 22 anos e três meses. A sentença estipulou 17 anos e seis meses, em regime fechado, por homicídio triplamente qualificado, um ano e seis meses por ocultação de cadáver – o corpo da vítima nunca foi encontrado – e, por fim, mais três anos e três meses, em regime aberto, por sequestro e cárcere privado do filho.

O caso voltou a ser assunto quando Bruno Fernandes, cumprindo pena em regime semiaberto, retornou ao cenário do futebol em 2020. A matéria do blog tem início, justamente, com a retomada da notícia de que o Fluminense de Feira de Santana estava

em negociação com o goleiro. Com isso, o encaminhamento do conteúdo trouxe como destaque o comentário de Jéssica Senra (DIBRADORAS, 2020a), apresentadora do jornal Bahia Meio Dia, da emissora local da Rede Globo, que analisou esse fato na televisão. A matéria traz, logo no primeiro parágrafo, que a jornalista “abordou a questão polêmica com clareza e maestria”, indicando uma provável concordância com a opinião da apresentadora.

Com isso, a reportagem apresenta os argumentos de Jéssica Senra (DIBRADORAS, 2020a) informando que o vídeo anexado no corpo do texto da matéria publicada, no qual seus pontos foram expostos, viralizou nas redes sociais e que a repercussão levou o clube a desistir da contratação do atleta: “A jornalista deixa claro que não é contra a ressocialização do goleiro, mas vê como inviável a recolocação dele numa posição de prestígio como é a de um jogador de futebol”. Assim a matéria apresenta o cerne da discussão: a reinserção de Bruno na sociedade *versus* a ocupação de uma posição de referência e idolatria como é a dos atletas no Brasil, especialmente no futebol. Para Jéssica, por ter cumprido (ou estar cumprindo) seu compromisso com a Justiça, Bruno deveria ter direito de reconstruir sua vida, mas, diante da brutalidade e da crueldade de seu ato, ao mandar matar, esquartejar e dar o corpo da mãe de seu filho para cães, o prestígio e a idolatria inerentes à função de jogador de futebol não deveriam ser conferidos a ele novamente.

A construção da matéria se faz, a partir daí, por meio de uma entrevista com a jornalista que contribuiu para o debate. Ao adjetivar a abordagem de Jéssica no primeiro parágrafo e colocá-la como personagem principal da reportagem, dando a ela voz também como fonte, o texto dá a entender que, no que diz respeito ao assunto, há uma provável concordância com os aspectos levantados pela jornalista, fato que reflete o posicionamento editorial do blog. Dois trechos de falas de Senra são colocados em seguida de forma consecutiva: o primeiro ressaltando a crueldade do crime e pontuando que a volta do feminicida ao reconhecido papel de jogador de futebol “traz uma mensagem negativa para um país que, em média, mata uma mulher a cada duas horas”; o segundo evidenciando que a jornalista acredita na recuperação das pessoas, mas que não consegue ver humanidade em Bruno, que não demonstra arrependimento pelo o que fez. A matéria destaca que jornalistas esportivos e celebridades endossaram os comentários de Jéssica Senra na oportunidade, dando como exemplo uma publicação do ator e apresentador Fábio Porchat.

Logo depois, mais duas aspas trazendo a fala da jornalista, dessa vez, explicando que seu objetivo é provocar a reflexão com suas observações, estimular o pensamento das pessoas e defender valores humanos. Para ela, é necessário ter responsabilidade, empatia e amor, além de buscar conhecimento. Jéssica ainda destacou que o caso do Bruno repercutiu muito, mas não quis focar nele, embora a discussão partisse desse ponto. Em sua opinião, “era mais importante discutir o que nós como sociedade toleramos ou não. Que valores a sociedade/futebol tolera ou não tolera”.

A reportagem segue, com o intertítulo “comentários sobre temas urgentes” para demonstrar que aquela não foi a primeira vez que a apresentadora usou sua voz para tratar de assuntos considerados importantes, como homofobia e a luta antirracista. A reportagem diz que ela “adota um formato opinativo na televisão e sempre fala de questões polêmicas, mas trazendo uma reflexão muito didática e interessante”, além de apontar que não recebe apenas retornos positivos na internet, mas também muitos ataques.

Diante da forma como o conteúdo foi construído, o recorte e o encaminhamento da reportagem, é possível observar que o Dibradoras deu destaque e teve como foco a análise de Jéssica Senra no telejornal baiano – que não necessariamente representa a opinião da jornalista, mas carrega também, se não o posicionamento da emissora para qual trabalha, seu consentimento e aval – porque ela representa a linha editorial seguida pelo blog. Ao colocar a própria jornalista como única fonte da matéria e usar adjetivos que qualificaram seus comentários, é possível identificar marcas de opinião no texto. Além disso, o enfoque dado ao assunto como um todo dá pistas sobre a leitura que o blog faz dessa realidade: o reforço dado a questão da reinserção social de uma pessoa que cumpriu uma dívida com a Justiça, os valores transmitidos pelo futebol e o papel do jornalista na construção de um pensamento crítico são os pontos principais levantados pelo conteúdo.

## **Matéria 2: “Não foi a imprensa que agrediu sua esposa, Jean”**

A segunda matéria do Dibradoras (2020b) com o assunto violência contra a mulher foi publicada no dia 14 de fevereiro e teve como foco o caso do goleiro Jean. Em dezembro de 2019, de férias com a família em Orlando, nos Estados Unidos, o jogador que, na época, defendia o São Paulo Futebol Clube, foi preso por agredir sua esposa Milena Bemfica. Em um vídeo publicado em seu perfil no Instagram, Milene apareceu com o rosto machucado dizendo estar trancada no banheiro para se proteger do marido. Após o crime, o São Paulo rompeu o contrato que mantinha com o atleta.

Depois de contextualizar a história no primeiro parágrafo, há a atualização que motivou a reportagem: o goleiro havia sido contratado pelo Atlético Goianiense e, pela primeira vez, falou à imprensa sobre o caso. Logo no parágrafo posterior, duas declarações de Jean foram apresentadas e, por meio dessa construção, torna-se possível entender o título da matéria: “O goleiro disse estar arrependido e chegou a pedir desculpas ‘para todas as mulheres que se sentiram ofendidas’ e declarou: ‘Não sou esse monstro que a imprensa fez de mim’”. É esta última sentença que justifica o enfoque do texto, que, em um tom opinativo, rebate a fala do atleta em seguida:

Oras, a imprensa não fez nada além de noticiar os fatos. E os fatos mostram que Jean agrediu sua esposa com oito socos, alguns chutes, e deixou muitas marcas no rosto dela. Tudo isso diante das duas filhas que estavam com eles nos Estados Unidos. Não foi a imprensa que cometeu esse crime, foi o próprio goleiro (DIBRADORAS, 2020b).

A matéria destaca a importância de lembrar dos dados de violência de gênero no país apontando que, a cada quatro minutos, uma mulher é agredida no Brasil, conforme dados oficiais do Ministério da Saúde, além de que, em 2019, 145 mil casos de violência contra a mulher foram registrados, “contando apenas as que sobreviveram para contar essa história triste”. As marcas de posicionamento, como uso de adjetivos e emprego de juízo de valor, aliadas aos dados oficiais selecionados caracterizam o texto jornalístico no estilo opinativo – emprego de análises combinadas a fatos comprovados.

Dessa forma, o material afirma que não importa quem é o agressor, a violência contra a mulher é crime e são inúmeros os relatos daquelas que são silenciadas, agredidas e ameaçadas, mas, por medo, vergonha ou insegurança, acabam não fazendo a denúncia. Com isso, o blog pontua que, por muito tempo, essa realidade não vinha à público e não repercutia, no entanto, analisa como positivo o “barulho” que casos como esse fazem para que os “homens entendam que não é aceitável agredir suas esposas, namoradas, filhas”. Ou seja, o texto revela acreditar que a represália social é um fator importante no combate a tal tipo de crime.

Com isso, a reportagem reconhece também como positiva a postura do jogador de falar sobre o erro e admitir que não havia justificativa para seus atos, pontuando que alguns jogadores de futebol não tiveram essa atitude. Duas falas de Jean durante a entrevista são colocadas em seguida. Na primeira, o jogador admite que devia esclarecimento e que, em dezembro, todos tomaram conhecimento “de coisas pessoais”, afirmando que, durante esse tempo, estava impossibilitado pela Justiça Americana de se referir à ex-mulher, e essa seria a razão de não ter tocado no assunto antes. “Peço desculpa pelo meu erro. Toda história tem dois lados, sim, mas nada justifica a agressão.

Fiquei totalmente errado", disse Jean. Na segunda, há o contexto da declaração envolvendo a imprensa:

Não estou dizendo que pela história ter dois lados eu estou certo em agredir. Foi uma reação que eu tive. Nunca tinha agredido ninguém. Quem me conhece há mais tempo sabe de toda a minha história e se surpreendeu com o que aconteceu. Mas tem coisas que eu só vou poder falar em breve. Peço desculpa a todas as mulheres. Não sou esse monstro que a imprensa fez de mim (DIBRADORAS, 2020b).

O texto do Dibradoras, em resposta à fala do goleiro, indica que, antes de criticar a imprensa por "fazê-lo" de monstro, deveria ter se preocupado com a imagem que passaria às filhas ao agredir a mãe delas, além do fato que a violência partiu dele, não da imprensa. No parágrafo seguinte, a reportagem buscou desconstruir a imagem do agressor enquanto "monstro", o que considera um clichê: "Não é possível que existam tantos monstros numa sociedade que agride mais de 500 mulheres por hora, que mata mais de três mulheres por dia (dados da Secretaria de Segurança Pública de feminicídios em 2018)." A matéria ressalta ainda que, em 70% dos casos, os responsáveis pela violência são pessoas próximas, como marido, pai e irmão.

Para o Dibradoras, casos como o de Jean, que foram noticiados pela mídia, são importantes para levar ao público conhecimento sobre esse assunto, que consideram importante e afirmam ter sido um tabu durante muito tempo. O blog afirma que havia um pensamento "inconsciente" que naturalizava a violência em relações matrimoniais. Para atestar essa afirmação, busca exemplos na música brasileira e exemplifica com trechos de Noel Rosa e Bezerra da Silva, respectivamente: "Mas que mulher indigesta, merece um tijolo na testa" e "Eu só sei que mulher que engana o homem merece ser presa na colônia, orelha cortada, cabeça raspada, carregando pedra pra passar vergonha". Com essa demonstração, a associação entre o crime e a cultura popular fica estabelecida.

O texto também opina sobre a importância do jornalismo nesse cenário, analisando que "noticiar casos assim pode estimular denúncias. E casos não faltam para serem reportados, infelizmente". E ainda deseja que "que a história de Jean, como ele mesmo disse, sirva de lição para que outros homens não caiam no mesmo erro", dando a "deixa" para o encerramento da reportagem com mais uma declaração do goleiro na entrevista:

Estou completamente arrependido. Que minha história sirva de lição para que outros casos não aconteçam, não só figuras públicas, todos os homens do mundo. Sei da repercussão, minha família ficou triste, tem criança que se espelha em mim e não foi bom para eles. Tenho duas filhas mulheres e estou arrependido" (DIBRADORAS, 2020b).



No decorrer da reportagem de caráter opinativo, o encaminhamento de fornecer uma réplica, uma resposta, à declaração do jogador contra a imprensa indica uma defesa do papel da mídia, verbalmente formalizada no final do texto, com a ideia de que tornar esse tipo de história pública pode contribuir para desmistificar um tabu e estimular a denúncia de agressores. Além disso, o texto também tem como proposta denunciar uma realidade, haja vista os dados selecionados, e propor uma leitura alternativa da mesma. Ademais, procura destacar que a posição do agressor, como o caso de um jogador de futebol de um grande clube brasileiro, não pode isentá-lo de sofrer as consequências de seu crime. Ao optar por todos esses recortes, o blog Dibradoras demonstra de forma declarada seu posicionamento editorial diante de uma questão social, ressaltando o compromisso do jornalismo com a sociedade e o caráter de fenômeno social do futebol representado pelas ações dos jogadores.

### **Matéria 3: "A violência contra a mulher precisa entrar na pauta do futebol"**

A terceira e última matéria veiculada pelo Dibradoras (2020c) que atende ao recorte proposto pela temática foi publicada no dia 29 de junho. A partir do título, é possível interpretar que se trata de um conteúdo, mais uma vez, opinativo, tendo em vista que a afirmação indica que haverá uma argumentação em defesa da demanda apresentada.

O início do texto apresenta como "gancho"<sup>3</sup> dois fatos recentes envolvendo o futebol e a violência contra a mulher, os quais se referem à denúncia de agressão<sup>4</sup> feita pela esposa do jogador Dudu, que atuava pelo Palmeiras na época, e a declaração do ex-técnico René Simões pedindo a volta do futebol – parado por conta da pandemia do novo coronavírus –, dizendo que as pessoas "estão enlouquecendo" e que tem "amigos que já bateram na mulher". Com isso, a matéria pontua que a mídia esportiva repercutiu tal fala do treinador (que já esteve no comando da seleção feminina de futebol) noticiando que ele "criou polêmica". Já o Dibradoras classificou a entrevista como "surreal".

---

<sup>3</sup> "Gancho", nesse caso, no nosso entendimento, pode ser definido como a apresentação de um fato atual para introduzir ou encaixar uma linha de raciocínio, servindo como uma espécie de contextualização.

<sup>4</sup> As únicas informações sobre esse caso fornecidas por esse texto são que o jogador "nega o crime e já prestou depoimento na delegacia após o registro do BO".

Com essa linha de raciocínio, o texto chega ao ponto que se propõe a discutir no título, afirmando que houve pouco debate sobre os dois acontecimentos nos programas esportivos e ressaltando que debater não significa julgar, uma vez que não cabe à imprensa decidir, por exemplo, se Dudu é culpado ou inocente, sugerindo a reflexão: “em meio a casos recorrentes de violência contra a mulher envolvendo jogadores, não seria a hora de fazer esse tema virar pauta nas discussões sobre futebol?”.

Para comprovar a observação de que os acontecimentos são recorrentes, o texto relembra “apenas os casos mais recentes” e sem contar os casos de jogadores com “menos holofotes”: a prisão do goleiro Jean por agredir a esposa; a condenação do brasileiro Robinho por estupro, em 2017, na Itália; o assassinato “brutal” de Elisa Samudio, pelo qual o goleiro Bruno Fernandes foi condenado como mandante do crime; e a prisão em flagrante do atacante Dudu (o mesmo que abriu a matéria), em 2013, por ter agredido a mulher e a sogra, da qual foi liberado após o pagamento da fiança.

O conteúdo segue formulando que a violência doméstica é um problema grave da sociedade e que, no futebol, muitas vezes é naturalizado, citando que isso ocorre ao ponto de, no caso de René Simões, ninguém ter questionado o ex-técnico se ele realizou a denúncia do crime que havia citado ter conhecimento, ao ponto de nenhum jornalista ter rebatido a colocação “absurda”, na concepção do blog, de que a ausência do futebol serviria como “justificativa” para um crime tão “grave” quanto a violência doméstica. Como mais uma crítica ao universo do futebol e ao jornalismo esportivo tradicional, a matéria lembra que o goleiro Bruno, condenado pelo assassinato da mãe de seu filho, disse em uma entrevista, antes do ocorrido, “quem nunca brigou ou até saiu na mão com a mulher?”, e sua declaração não foi tratada com a devida gravidade.

Com isso, o texto situa, nesse cenário, diversos posicionamentos e questionamentos, primeiro afirmando que “já passou da hora da imprensa esportiva debater a fundo essa questão urgente” e perguntando: “Por que existem tantos casos de violência doméstica no futebol? Por que a maioria deles acaba abafado?”. Além disso, ao mesmo tempo que propõe uma reflexão sobre as vítimas, busca rebater comentários comumente verificados a respeito das mulheres que fazem denúncias contra jogadores de futebol: “Por que as vítimas que denunciam crimes contra a mulher são sempre ‘oportunistas mentirosas’ e ‘estão querendo aparecer’, será que isso é mesmo ‘lucrativo’ para elas?. Segundo o Dibradoras, “o que se vê é que nenhum dos jogadores presos em flagrante ou condenados por violência doméstica sai de cena por isso. Estão todos (os citados aqui) muito bem empregados, alguns até fazendo piada de mal gosto (como o goleiro Bruno visitando canil)”. O episódio citado pelo texto é sucedido de uma foto de Bruno no canil, com cachorros, e é considerado uma “piada de mal gosto” porque as investigações do assassinato de Eliza Samudio apontaram que o corpo da atriz e modelo

foi dado como comida a cães. O jogador, já em liberdade, fez uma visita a um canil e publicou em suas redes sociais uma foto para agradecer o estabelecimento.

O texto volta a pontuar que essas discussões que defende não têm como objetivo condenar ou absolver ninguém, mas levantar questões “importantes” sobre um “problema real” que considera da sociedade e do futebol. Novamente citando o papel do jornalismo, elabora que, esportiva ou não, a imprensa tem a responsabilidade social de conscientizar as pessoas, apontando que o futebol é uma “excelente” ferramenta para isso, tendo em vista seu alcance e a capacidade de contribuir para mudanças na sociedade, inclusive no que diz respeito a mulheres no contexto de violência.

A matéria publicada acrescenta que há muito para ser contextualizado, expondo que mais de 500 mulheres são agredidas por hora no Brasil e que um feminicídio é registrado a cada sete horas no país, conforme os dados mais recentes do Fórum de Segurança Pública. Além disso, também ressalta que nada disso é causado pelo futebol e nem porque os agressores são “monstros”, listando os fatores que considera preponderantes: machismo, desigualdade de gênero, ideia enraizada de que homens são superiores e de que mulheres devem ser submissas a eles. Segundo a matéria, essa cultura é tão forte que a denúncia de uma violência se torna um desafio para as vítimas que lidam até mesmo com delegados que tentam fazê-las desistir da denúncia e ouvem que podem “acabar com a vida” dos seus agressores. O blog afirma que “nunca vimos um debate na mídia esportiva mencionar nada disso”.

Por fim, o texto coloca como importante ressaltar que o papel de colocar a violência contra a mulher em pauta no futebol não é só “dAS jornalistas e dAS comentaristas”, que, infelizmente, segundo o blog, são poucas na mídia esportiva. Com isso, opina que todos deveriam estar preparados para abordar essas questões com responsabilidade e finaliza: “a imprensa esportiva está pronta pra essa conversa?”.

Nesta última matéria selecionada, além de reafirmar sua visão do papel do jornalismo de forma explícita, o Dibradoras também critica a mídia esportiva hegemônica por não abordar ou minimizar a pauta da violência contra a mulher no futebol, além de buscar desconstruir ideias pré-concebidas sobre esse cenário – como a de que a vítima que denuncia um jogador de futebol “quer aparecer” – e denunciar situações que podem ocorrer nesses casos. Há o uso de diversos recursos de um texto opinativo e o emprego de uma linguagem não informal, mas simples e direta.

### 4.3 Análise dos resultados

Diante dos apontamentos feitos ao longo das descrições e análises das três matérias, percebemos uma abordagem que propõe reflexões a partir de questionamentos – a imprensa esportiva está preparada para debater a violência contra as mulheres? –, reivindicações – importância das pautas sobre violência de gênero no noticiário esportivo – e posicionamento a respeito de pautas sociais, como violência doméstica, de gênero e feminicídio.

Reconhecemos o caráter opinativo das matérias visto que, segundo Giordani (2005), no texto jornalístico opinativo, o jornalista tem a liberdade, segundo a técnica, de recorrer ao uso de adjetivos para qualificar ou desqualificar fatos, personagens ou ideias. Eles seguem a lógica do discurso jornalístico de um “dizer retórico que alia argumentos racionais e emocionais e que delinea estratégias discursivas a serviço da construção do verossímil, buscando a adesão do público favorável às teses defendidas” (GIORDANI, 2005, p. 234).

Por outro lado, destacamos a aproximação das matérias com o supracitado jornalismo de engajamento. Ainda que o termo tenha ganhado definições variadas ao longo da última década, com a chegada das redes sociais digitais, que o transformou em métrica que avalia a interação de perfis online com uma marca ou publicação, por exemplo, seu conceito figurativo inclui a preocupação inicialmente proposta por Bell (1998).

Responsável por cobrir diversas zonas de conflito, o autor defendia que o jornalista não podia atuar como um mero espectador, com notícias que serviriam apenas como um espelho do mundo. Para Bell (1998), era necessário tomar partido e resgatar a humanidade, principalmente nas coberturas de guerra – e aqui, nesta análise, estendemos essa observação para a cobertura de fatos que envolvem crimes contra a mulher. “A objetividade é desejável, ou mesmo possível? Deveria ser imperativo, em um mundo perigoso e turbulento, simplesmente não incomodar as pessoas?” (BELL, 1998, p. 103 *apud* CAMPOS, 2018, p. 89). Ou seja, na compreensão de que o que é noticiado passa, necessariamente, por um filtro humano – que é o jornalista – como não ser tocado pela subjetividade?

Logo, entendemos, por meio do corpus de textos selecionados, que a abordagem do Dibradoras é posicionada e engajada, em consonância com a linha-editorial do site, por não atuar como mero espectador, mas evidenciar que os fatos passam pelo filtro analítico que temas como violência doméstica, de gênero e feminicídio exigem.

## 5 Considerações finais

Tendo em vista o objetivo do presente trabalho de realizar uma análise sobre a abordagem do Dibradoras em matérias que exploraram, em 2020, o tema da violência contra a mulher, pauta cara e comum a diversas vertentes do movimento feminista, foi possível observar alguns aspectos após o percurso metodológico proposto e a fundamentação teórica elaborada.

As três publicações selecionadas como *corpus* do artigo possuem como ponto comum o fato de usarem como “gancho” ou introdução acontecimentos recentes que já haviam repercutido na mídia tradicional. Dessa forma, não há o levantamento de uma pauta nova, um trabalho investigativo, uma cobertura ou informação exclusiva dos episódios, mas sim abordagens alternativas que refletem a linha editorial do blog e se manifestam em forma de análises jornalísticas, majoritariamente, opinativas.

Outro tópico convergente das três matérias é o questionamento acerca de dois itens: o papel do jornalismo e, especificamente, da imprensa esportiva, considerados essenciais para o debate de temas vistos como relevantes para a sociedade; e os valores que envolvem o futebol, apontado como um fenômeno social de grande visibilidade cujos atores se tornam modelos de conduta e personagens influentes em cenários sociopolíticos.

Levando em conta o propósito do site, que coloca em prática uma cobertura esportiva focada em mulheres, temos um projeto que desafia a lógica de dominação masculina no esporte e no jornalismo esportivo, espaços que encontram no futebol um terreno fértil por se tratar de “um dos principais domínios masculinos e, portanto, de significado potencial para o funcionamento das estruturas patriarcais” (DUNNING, 2013, p. 66). Logo, situado fora da grande imprensa, o Dibradoras, com sua cobertura que discute e analisa casos de violência contra a mulher envolvendo o futebol, avança nesse contexto no qual existe mais liberdade para se comunicar, em uma atuação que podemos chamar de “engajada no jornalismo” ou de “jornalismo de engajamento”.

É importante ressaltar que, quando se minimiza a importância que o esporte tem para o desenvolvimento humano e ele passa a ser privilégio de grupos específicos (como sua tendência histórica de ser um espaço masculino), é preciso identificar outras maneiras de democratizá-lo e torná-lo acessível para todos e todas. Parte dessa busca e de outras apoiadas na igualdade de gênero se fortaleceu quando a produção de conteúdo independente se popularizou na internet. Solnit (2017, p. 86) aponta 2014 como ano de insurreição, um divisor de águas e um tempo “ruidoso, discordante e talvez transformador, porque foram ditas coisas importantes – não necessariamente novas, mas faladas com mais ênfase, por um maior número de mulheres, e ouvidas como nunca”.

O Dibradoras, que surge em 2015, se revela, portanto, um espaço no universo digital que propicia olhares alternativos e analíticos para o tratamento de pautas esportivas por meio de uma linguagem acessível e direta com a utilização de argumentos fundamentados, reforçando o lugar do jornalismo esportivo enquanto um campo de reivindicação social. Segundo a jornalista e fundadora do projeto, Renata Mendonça, em entrevista para Firmino (2021, p. 71), identificar situações machistas e os problemas na cobertura que já era feita foi um processo de descobertas e de conscientização.

Percebemos que a possibilidade de ter uma interpretação feminista sobre a participação feminina no campo esportivo segue a mesma direção dos avanços sociais motivados por um desejo em comum: igualdade.

## Referências

ANDERSON, Clay W.; BELL, Emily; SHIRKY, Clay. Jornalismo pós-industrial: adaptação aos novos tempos. **Revista de Jornalismo ESPM**, São Paulo, ano 2, n. 5, p. 30-89, abr./jun. 2013.

BAHIA, Juarez. **Jornal**: história da imprensa brasileira. São Paulo: Ática, 1990.

BARBEIRO, Heródoto; RANGEL, Patrícia. **Manual do jornalismo esportivo**. São Paulo: Contexto, 2006.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BELL, Martin. The journalism of attachment. *In*: KIERNAN, Matthew. (org.). **Media ethics**. Nova Iorque: Routledge, 1998.

BRASIL. Câmara dos Deputados. **Mapa da violência contra a mulher**. Brasília: Câmara dos Deputados, 2018. Disponível em: <https://bit.ly/3hpnyE>. Acesso em: 10 set. 2020.

CAMPOS, Mariana Alves. Jornalismo de engajamento e a guerra das mudanças climáticas. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO AMBIENTAL, 6., 2018, Porto Alegre. **Anais** [...]. Rio Grande do Sul: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2018. p. 86-106. Disponível em: [https://anaisenpja.files.wordpress.com/2019/01/campos\\_jornalismo\\_mudancas\\_climaticas.pdf](https://anaisenpja.files.wordpress.com/2019/01/campos_jornalismo_mudancas_climaticas.pdf). Acesso em: 02 jun. 2020.

CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento. **Revista Estudos Avançados**, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 117-133, 2003. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9948>. Acesso em: 1 mar. 2023.

CATARSE. Dibradoras - Lugar de mulher é no esporte. São Paulo, 2020. Disponível em: <https://www.catarse.me/dibradoras>. Acesso em: 1 mar. 2023.



- COELHO, Paulo Vinicius. **Jornalismo esportivo**. São Paulo: Contexto, 2003.
- DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- DIBRADORAS. Disponível em: <https://dibradoras.com.br/>. Acesso em: 1 mar. 2023.
- DIBRADORAS. Blog Dibradoras estreia no UOL. São Paulo, 01 mar. 2018. Disponível em: <https://dibradoras.com.br/2018/03/01/blog-dibradoras-estreia-no-uol/>. Acesso em: 1 mar. 2023.
- DIBRADORAS. Jéssica Senra toca em feridas necessárias: Que valores o futebol tolera? São Paulo, 07 jan. 2020a. Disponível em: <https://dibradoras.com.br/2020/01/07/jessica-senra-toca-em-feridas-necessarias-que-valores-o-futebol-tolera/>. Acesso em: 1 mar. 2023.
- DIBRADORAS. Não foi a imprensa que agrediu sua esposa, Jean. São Paulo, 14 fev. 2020b. Disponível em: <https://Dibradoras.blogosfera.uol.com.br/2020/02/14/nao-foi-a-imprensa-que-agrediu-sua-esposa-jean/>. Acesso em: 1 mar. 2023.
- DIBRADORAS. A violência contra a mulher precisa entrar na pauta do futebol. São Paulo, 29 jun. 2020c. Disponível em: <https://Dibradoras.blogosfera.uol.com.br/2020/06/29/a-violencia-contra-a-mulher-precisa-entrar-na-pauta-do-futebol/>. Acesso em: 1 mar. 2023.
- DUNNING, Eric. O esporte como um domínio masculino: observações sobre as fontes sociais da identidade masculina e suas transformações. In: DUNNING, Eric. **Sociologia do esporte e os processos civilizatórios**. São Paulo: Annablume, 2013. p. 233-254
- FIRMINO, Carolina Bortoleto. **Gênero e posicionamento no esporte**: a noticiabilidade no jornalismo esportivo feminista do Dibradoras. 2021. Tese (Doutorado em Comunicação) - Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2021. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/215276>. Acesso em: 1 mar. 2023.
- FÓRUM Brasileiro de Segurança Pública. **Violência doméstica durante a pandemia de Covid-19**, São Paulo, ed. 2, 2020. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2020/06/violencia-domestica-covid-19-ed02-v5.pdf>. Acesso em: 1 mar. 2023.
- FÓRUM Brasileiro de Segurança Pública. **Anuário brasileiro de segurança pública**, São Paulo, ano 2016, 2022. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2022/06/anuario-2022.pdf?v=15>. Acesso em: 1 mar. 2023.
- GIORDANI, Rosselane. Jornalismo opinativo: estratégias retóricas. **Revista Trama**, Paraná, v. 1, n. 2, p. 233-246, 2005. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/trama/article/view/219>. Acesso em: 1 mar. 2023.
- KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia**: estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

KFOURI, Juca. **Confesso que perdi**: memórias. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

MELO, José Marques. **A opinião no jornalismo brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1985.

MENDONÇA, Renata. **Gênero e posicionamento no esporte**: a noticiabilidade no jornalismo esportivo feminista do Dibradoras. [Entrevista concedida a] Carolina Bortoleto Firmino. 2021. Tese (Doutorado em Comunicação) - Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2021. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/215276>. Acesso em: 1 mar. 2023.

SOLNIT, Rebecca. **A mãe de todas as perguntas**: reflexões sobre os novos feminismos. São Paulo: Cia. das Letras, 2017.

TOLEDO, Eliza. **O aumento da violência contra a mulher na pandemia de Covid-19**: um problema histórico. São Paulo: Fiocruz, 2020. Disponível em: <https://coc.fiocruz.br/index.php/pt/todas-as-noticias/1781-o-aumento-da-violencia-contra-a-mulher-na-pandemia-de-covid-19-um-problema-historico.html>. Acesso em: 01 mar. 2022.